

Invasão: prejuízo é de todos

Prof. Jesualdo Pereira Farias
Reitor em exercício da UFC

A Universidade Federal do Ceará ainda pranteava a morte do Reitor Ícaro Moreira, procurando investir suas lições de entusiasmo na construção da grande universidade com que sonhamos, quando o Campus do Pici foi invadido, na noite do dia 24 de abril. Perpetrou-se, naquele ato, violenta agressão contra um patrimônio do povo cearense, contra uma das instituições que mais dialogam com os movimentos populares e que mais efetivamente trabalham pela superação das desigualdades sociais em nosso meio.

Na Reitoria da UFC, procuramos agir com a rapidez que as circunstâncias impunham e na direção que nos apontavam os mecanismos legais. Logo na manhã do dia 25, informamos à Procuradoria Federal no Ceará sobre a agressão e os atos de vandalismo no Campus, solicitando fossem tomadas as medidas judiciais cabíveis. A procuradoria ajuizou, de imediato, pedido de reintegração de posse, deferido no mesmo dia pela Justiça, que fixou em 72 horas o prazo para a desocupação.

Estavam criadas condições para que o episódio tivesse desfecho rápido, como se poderia esperar num país onde vigora o Estado de Direito. Frustraram-se, contudo, as expectativas otimistas. Os dias se passaram, sem que a ordem judicial fosse executada, ampliando-se, nesse ínterim, a derrubada de muros (1.765m já foram destruídos) e a extensão das áreas invadidas – áreas sobre as quais a UFC tem a posse legal, segundo ficou sobejamente comprovado, em audiência com o Juiz da 5ª Vara da Justiça Federal no Ceará, na tarde do dia 30. Na mesma medida em que se fortaleceu a invasão, elevaram-se os prejuízos materiais, hoje calculados em R\$ 1,5 milhão.

A Universidade tudo fez, o tempo inteiro, para agilizar uma solução e, sobretudo, para salvaguardar a integridade física dos estudantes, professores e servidores técnico-administrativos. Reiteradamente, solicitou proteção da Polícia Federal e da Polícia Militar. Sem êxito. Com a mesma insistência, procurou as autoridades estaduais, municipais, os vereadores, deputados estaduais e representantes no Congresso. Conquistou solidariedade, mas o Campus continuou invadido.

A UFC tem, historicamente, estabelecido frutíferas parcerias e lutado ao lado dos verdadeiros movimentos sociais. Mas ela não reconhece os invasores como representações desses movimentos. Sem bandeiras, sem rosto, transpirando apenas oportunismo e agressividade, eles não seriam interlocutores confiáveis. Importa ainda deixar claro que a Universidade assume integralmente sua missão social, o que a faz levar assistência à população mais pobre e envolver-se profundamente, das mais diferentes formas, nos dramas dos excluídos. Mas a questão habitacional – que é grave, reconhecemos – não se insere em nossa pauta de deveres sociais. Há outros agentes, bem mais apetrechados que nós, para dar cabo desse desafio.